

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**ANGELO MICHEL PINHEIRO PINTO**

**TEATRO E A SUBVERSÃO DO GÊNERO: RELAÇÕES ESCOLARES DE  
COEXISTÊNCIA COM ESTUDANTES E PROFESSORES TRANSEXUAIS NA  
REDE PÚBLICA DE ENSINO DE MANAUS**

**MANAUS – AM**

**2023**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA**

**TEATRO E A SUBVERSÃO DO GÊNERO: RELAÇÕES ESCOLARES DE  
COEXISTÊNCIA COM ESTUDANTES E PROFESSORES TRANSEXUAIS NA  
REDE PÚBLICA DE ENSINO DE MANAUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Teatro na Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial enquanto pesquisa para a finalização do curso de graduação.

Orientadora: Eneila dos Santos Almeida

**MANAUS – AM**

**2023**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

P654tt Pinheiro Pinto, Angelo Pinheiro Pinto  
Teatro e a subversão do gênero : Relações escolares de coexistência com estudantes e professores transexuais na rede pública de ensino de Manaus / Angelo Pinheiro Pinto Pinheiro Pinto. Manaus : [s.n], 2023.  
53 f.: color.; 4 cm.

TCC - Licenciatura em teatro - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.  
Inclui bibliografia  
Orientador: Eneila dos Santos Almeida

1. Teatro-educação. 2. Corpo. 3. Transexualização. I. Eneila dos Santos Almeida (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Teatro e a subversão do gênero



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Criada pelo Decreto Estadual nº 21.963, de 27 de junho de 2001

### TERMO DE APROVAÇÃO

ANGELO MICHEL PINHEIRO PINTO



TEATRO E A SUBVERSÃO DO GÊNERO: RELAÇÕES ESCOLARES DE  
COEXISTÊNCIA COM ESTUDANTES E PROFESSORES TRANSEXUAIS NA REDE  
DE ENSINO DE MANAUS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado, com nota 10 (dez) como  
requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado pelo curso de Teatro da  
Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, pela  
seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Eneila Almeida dos Santos  
(Orientadora)

Prof. Me. Wellington Douglas Dos Santos Dias  
(Membro Titular)

Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves  
(Membro Titular)

Manaus, 31 de março de 2023



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT  
Av. Leonardo Malcher, 1728 – Praça XIV de janeiro  
Ed. Professor Samuel Benchimol  
CEP: 69010-170  
Telefones: (92) 3878-4411 / 3878-4423



## DEDICATÓRIA

*De forma imensurável, dedico este trabalho primeiramente a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade em me permitir realizar mais uma conquista, a minha mãe Angela Michele que nunca me desamparou, e aos meus avós, Nita Leão e Miguel Angelo. Dedico também ao meu amigo professor Fran Martins que esteve comigo nessa jornada, e de uma forma especial, a todos aqueles que um dia encontrarem esta pesquisa. Enfim, muitíssimo obrigada a todos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela minha vida, o mesmo que me manteve de pé para que eu pudesse chegar até aqui e realizar mais um sonho, a minha família que mesmo de longe sempre me apoiou em tudo e foram mais do que um alicerce para que fosse possível me apoiar para seguir meus passos, ao meu amigo e grande artista Helyandro Pinto que me ensinou tantas coisas nessa trajetória maravilhosa que trilhei, nossa irmandade será infinita.

Muito agradecida as pessoas que não mediram esforços em momento nenhum para está me dando suporte para conseguir realizar meus objetivos, em especial a minha turma acadêmica que era imbatível, pessoas que me ensinaram muitas coisas e que pude colaborar com tudo o que de fato eu sabia. Ao meu amigo Maik Cavalcante que sempre me deu uma força total, inclusive na minha morada para conseguir me manter durante esse processo, e ao meu amigo Ismael Maciel que nunca mediu esforços para está comigo, que me viu sorrir e me viu chorar também, minha gratidão eterna.

Agradeço imensamente a minha instituição e a todos que fazem esses sonhos serem realizados na Escola Superior de Artes e Turismo – ESAT, a cada palavra e gesto que foram positivos para que assim fosse possível chegar até aqui, em especial a secretária do meu curso Marcia Muca, a mesma que nunca mediu esforços para me ajudar no que fosse necessário, sempre se preocupou muito com cada detalhe. A Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como um todo, que estão sempre se esforçando para realizar o melhor para os acadêmicos que por aqui vem e vão, aos meus incansáveis doutores, mestres, professores magníficos que nunca nos desampararam e que quando achei que eu ia desistir, foram eles me que levantaram, a maravilhosa Carmen Arce que foi uma diretora excepcionalmente maravilhosa e que marcou a minha vida, aos professores dos outros cursos pelo qual trilhei, minha eterna gratidão por todo ensino aprendizagem. Em especial, sou muito grata por tudo ao meu professor Luís Davi Gonçalves, de chegar no meu último período e sentado ao meu lado ele falar que lembra da minha ap1 de expressão corporal 1, me deixou emocionada e me deu a certeza que de fato marquei a vida de diversas pessoas, ele que acompanhou cada detalhe e que foi um suporte grandioso na minha vida, obrigada por tudo. Eu venci e você venceu comigo querido professor. Aos demais, minha eterna gratidão.

Concluo essa trajetória, com a certeza de que na vida construí afinidades que caminharam ao meu lado, e na maioria das vezes me mantiveram de pé, me mostraram que sim, eu era capaz de realizar tudo que fosse pedido a mim. Tem pessoas que não merecem está de fora disso, pessoas que me ensinaram tanto como a professora Paola Oliveira, a mesma que me fez construir esse trabalho magnífico, muita luz na sua vida querida. Aos meus companheiros Airton Ramos e ao amigo artista Wilhan Santos, sou imensamente grata por tudo que proporcionaram a mim nessa vida, ao maravilhoso artista Rafael Albuquerque, que não confiou na maioria das vezes, e que mesmo assim me proporcionou viver o fantástico das artes e viu do que eu era capaz, muito obrigada de coração infinito.

Não poderia deixar de agradecer ao querido amigo e professor Fran Martins, que de forma avulso se dispôs a ser meu co-orientador no momento em que eu caminhava sozinha, e já com o trabalho inscrito me fez caminhar muito bem, para que finalizasse da melhor forma possível, me viu chorar quando não estava mais sendo possível continuar, mas também me fez sorrir quando consegui realizar o que ele me pedia por diversas vezes. Obrigada por tudo Fran, você foi mais do que essencial e fundamental na minha caminhada.

Enfim, a mulher que me acompanhou em todo o meu percurso acadêmico, foi professora condutora das minhas 3 etapas de estágio supervisionado, foi condutora da disciplina pelo qual realizei minhas 4 monitorias durante a graduação, e que de forma incansável, finaliza comigo ao meu lado como minha orientadora. A você professora Eneila Santos, minha gratidão é eternamente grandiosa, ao seu lado aprendi tanto, me conduziu como pode mesmo com minha teimosia em algumas vezes, aprendi muito com você, em muitas das vezes me colocou no lugar onde nem sabia eu caminhar, mas caminhei e concluí tudo o que colocava em minhas mãos. Hoje já crescida, te ofereço minha gratidão, que ficará para sempre em tudo que for construído daqui para frente em minha carreira artística.

Gratidão de forma grandiosa, sem vocês nada disso seria possível, consegui e vocês fazem parte de cada degrau que foi subido. Subiram comigo.

*Faltará tinta*

*No dia que o céu for livre*

*Pra todos serem o que são*

*Cobertos pelo sol, sem nenhum tipo de  
opressão*

*Faltará nomes*

*Pra descrever o mundo sem as misérias*

*O que sentimos, o que nos tornamos*

*O novo ser sem medo de viver*

*Faltará a falta que nos entristece*

*Que hoje enche o peito de vazio e fumaça*

*Não faltará amor, não faltará sonhos*

*O novo mundo se abrirá para o futuro*

*Onde o presente dominará o passado*

*E nossos corações enfim serão salvos*

*Virgínia Guitzel*



## RESUMO

A caminho da vida cotidiana que se segue, encontro-me num processo de pesquisa que me direciona a uma conduta dentro da sala de aula, de maneira que agrego muito da minha experiência enquanto referência para buscar vivências que estejam nesse lugar. Percorro no meu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro com a busca para encontrar pessoas transexuais<sup>1</sup> no espaço convencional que é a sala de aula, de maneira que possamos entender suas vivências naquele espaço, e de forma teatral, conduzir sempre a turma a realização do processo que é pesquisa-ação, de forma que irão praticar a inclusão social conforme os estudos que me conduziram de Guaraci Louro e Jaqueline de Jesus. Contribuo muito por estar neste lugar da pesquisa que aconteceu na cidade de Manaus – AM. Como artista da cena e licencianda, faço vários apontamentos para conhecimento do que são essas pessoas, e disponho-me através das aulas de teatro, entender os corpos de estudantes e professores da classe LGBTQIAP+<sup>2</sup>, especificamente as pessoas transexuais, dentro da educação básica.

Palavras-chave: Teatro-educação; corpo; transexualização.

---

<sup>1</sup> Pessoas cuja expressão ou identidade de gênero é diferente do sexo biológico que foi atribuído no nascimento.

<sup>2</sup> Representação as pessoas que de alguma forma não se identificam com a heterossexualidade ou com o conceito de que só existem dois gêneros (masculino e feminino).

## **ABSTRACT**

On the way to the everyday life that follows, I find myself in a research process that directs me towards a conduct within the classroom, in a way that I add much of my experience as a reference to seek experiences that are in that place. In my thesis for the conclusion of a Bachelor's Degree in Theater, I seek to find transgender people in the conventional space that is the classroom, so that we can understand their experiences in that space, and in a theatrical way, always lead the class to practice social inclusion according to the studies that led me by Guaraci Louro and Jaqueline de Jesus. I contribute a lot for being in this place of the research that took place in the city of Manaus - AM. As a scene artist and student, I make several notes to understand what these people are, and through theater classes, I try to understand the bodies of students and teachers of the LGBTQIAP+ class, specifically transgender people, within basic education.

Keyword: Education. Theater. Body. Transsexualization.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Proposta Triangular de Barbosa .....	14
Figura 2 - Escola Estadual Nilo Peçanha .....	31

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Construção de estudo da pesquisa .....	26
Tabela 2 - Divisão dos personagens do projeto de estágio.....	35
Tabela 3 - Escolas que foram realizadas as pesquisas .....	39
Tabela 4 - Estudantes e Professores transexuais entrevistados.....	44

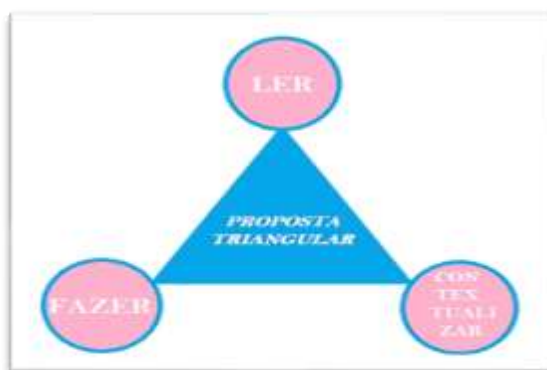
## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	17
2.1	Objetivo Geral	17
2.2	Objetivos Específicos	17
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	17
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	21
4.1	Delineamento da Pesquisa	21
4.2	Delimitação da Pesquisa	22
4.3	Instrumentos de Coletas de Dados	23
<b>5</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	25
5.1	A INTERLIGAÇÃO DO CORPO: O PROCESSO DE IDENTIDADE DE GÊNERO NA SALA DE AULA	25
5.2	PROCESSO DE CRIAÇÃO EM TEATRO, EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	30
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	37
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	44
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	48
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	51
	<b>APÊNDICE B - PESQUISA DE CAMPO PARA VERIFICAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE O CORPO PRESENTE ENQUANTO GÊNERO, NA EDUCAÇÃO BÁSICA</b>	53

## 1 INTRODUÇÃO

Nos caminhos dos processos pelo qual a vida me colocou e fez com que assim fosse possível caminhar, adentro enquanto pesquisa com esse projeto, que parte da construção desde o desenvolvimento do componente curricular Estágio Supervisionado II e III, que era ofertado dentro do curso de teatro, realizado pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Desta maneira agrego a mim todo e qualquer vivência necessária, para que fosse levada a percorrer em um novo caminho, uma nova estrutura, algo que está ligado às artes, especificamente o teatro – o mesmo se amplia cada vez que vai sendo realizado. Com uma diversidade de processos artísticos que vão sendo vivenciados, adentro ao espaço de estudo em que meu pensamento enquanto teoria e educação, as concepções de Ana Mae Barbosa acerca da abordagem triangular<sup>3</sup> ações do ler, fazer e contextualizar, como apresenta a Figura 1 como proposta triangular de Ana Mae Barbosa.

Figura 1 - Proposta Triangular de Barbosa



Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Com essa abordagem vejo uma dimensão que preciso produzir para assim realizar, e com cheiro de flor que está para nascer, vou dando vida enquanto escrita, e pensando por onde devo começar. Com o processo desse trabalho de pesquisa já estruturado, me encontrava num lugar de que os pesquisados deveriam ler sobre o

---

<sup>3</sup> Possibilita diferentes caminhos dentro dos âmbitos que há envolvem, do fazer, do ler e contextualizar. A imagem do triângulo permite o professor a escolher por onde começar.

que tinha para apresentar, e que pudessem mergulhar no universo do corpo, desenvolvendo práticas como jogos teatrais, processos de performance e o universo de cenas que me levariam a um lugar de percepção. Por fim, contextualizaríamos a vivência do corpo na sala de aula, para finalizar com uma conversação particular de entrevistas ou questionários com estudantes transexuais que se encaixariam nesse lugar.

No decorrer de todo o processo educacional vivenciado por mim enquanto acadêmica do curso de teatro, ao mesmo tempo no meu processo de entendimento e vivência de minha identidade verdadeira, me coloco em pensamentos para construção de uma educação que exerça a inclusão social<sup>4</sup>, de forma que seja possível contribuir como um todo, para a escolarização de outros, como a mim mesma. Aprimorando os meus conhecimentos, seja pelo desejo de ler os processos de estudos sobre o teatro, de forma que esteja ligado ao universo da performance, com que os procedimentos realizados dentro das minhas propostas teatrais, não fujam em momento nenhum do processo de gênero pelo qual será pesquisado através do ser enquanto performer, e contextualizar tudo o que foi realizado através dos jogos sensoriais, pois preciso de alguma forma manter minha pesquisa ligada ao corpo, o corpo que fala e sente, o corpo que descansa e o corpo que também está em cena, falo de movimento, de corpo presente.

Sem escolhas específicas do caminho a ser tomado, o indivíduo da vez que estará em cena sou eu, pode ser você, ele, aquele, ela ou até mesmo eles, o que preciso é abrir espaço enquanto inclusão social dentro do teatro, para que seja um campo de pesquisa no qual as pessoas não sejam somente personagens naquele momento que estiverem em cena ou com o corpo presente na sala de aula, mas sim, que todos que entrem nesse espaço se sintam bem consigo mesmo e reconheçam quem são de verdade, que além de personagens você pode ser quem você é.

Coloco como processo do meu trabalho, teatro como um todo, ou melhor, uma modalidade teatral que é a performance. O que o corpo faz, que de alguma maneira, há de chegar no próximo que não está no lugar do corpo que se comunica.

De forma específica, adoto a performance enquanto abordagem metodológica por saber que a mesma tem uma intensidade de ser desenvolvida com o corpo,

---

<sup>4</sup> Que envolve todas as ações tomadas para integrar grupos marginalizados, transexuais, negros, pessoas com deficiências, entre diversas outras classes para que estejam no meio social.

estando o corpo em movimento ou em repouso, é ele que faz com que a performance aconteça, por este motivo inicia-se a proposta de realização nas salas de aulas, para que possamos encontrar esses corpos que se identificam dentro deste contexto de identidade de gênero<sup>5</sup>.

Tratamos do corpo enquanto conhecimento, sabendo assim, que terei de forma grandiosa a participação dos estudantes, entendendo que "comunicação e participação se relacionam como um momento concreto da experiência de performance" (GLUSBERG, 2003, p. 85). O corpo pode ser reconhecido sim como identidade de gênero, através de ações ou cênicas que podem ser criadas, são as mesmas que te conduzem a um espaço da cena e que colocam seu corpo em um lugar que possa visualizar a sua verdadeira identidade.

A construção deste trabalho perpassa nas construções teóricas de identidades, realizando diversas interlocuções com corpo, identidade de gênero e educação, que são os focos centrais desta pesquisa, acredito que vale muito trazer para dentro enquanto ápice do trabalho e a ser desenrolado, aquilo que chamamos no teatro de descaracterização, até então apresentamos como referência para o desenvolvimento deste trabalho a performance, e através da referência de pesquisa que vem de Judith Butler (2019), iremos entender, que esse processo de identificação é contínuo, e que através da performatividade<sup>6</sup> de gênero podem estar ligado aos estudos dos estudantes, o que eles realmente são de verdade.

Este trabalho torna-se relevante à medida que o mesmo apresenta narrativas de pessoas transexuais no ambiente escolar. Pensando no processo de entendimento da sua identidade, a importância é grandiosa seja na participação da escolarização, como estudantes, professores e diretores teatrais, pesquisas desenvolvidas em escolas públicas, que retratam as fragilidades do processo educacional vivenciadas em algumas escolas de Manaus.

No desenrolar deste trabalho, veremos o quanto as possibilidades teatrais são essenciais na sala de aula para o reconhecimento do corpo e sua identificação pessoal, reconheceremos que o estudante pode querer sempre um pouco mais de espaço para se mostrar, e que as vezes, esse espaço não é dado. A hora de mostrar o corpo em cena chega, e muitas vezes os estudantes não sabem o que fazer, mais

---

<sup>5</sup> Não está ligado necessariamente com características biológicas tipicamente atribuídas aos sexos masculino e feminino, refere-se muito a questão da forma que a pessoa se identifica.

<sup>6</sup> Aquilo que especificamente nos dar a permissão e que obriga o sujeito a se construir enquanto tal.



que conforme conclusão desta pesquisa, é perceptível o quanto a prática do fazer teatral é significativa enquanto metodologia para a sala de aula, e que isso modifica muitas coisas enquanto vivência na educação. Assim, começamos a relatar mais uma pesquisa que está ligada ao processo artístico e pessoal da vida.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Identificar se as aulas de teatro influenciam na subversão de gênero, nas relações escolares de coexistência com estudantes e professores da rede pública de Manaus.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- a) Conhecer os processos históricos frente a corpo, gênero e identidade de gênero.
- b) Distinguir como são as vivências e as relações escolares de coexistência de estudantes e professores transexuais com o espaço convencional que é a sala de aula.
- c) Identificar se as aulas de teatro que foram realizadas em escolas públicas de Manaus, influenciaRAM na convivência da diversidade na escola.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Direcionando-me a um processo na educação vivenciada por mim enquanto acadêmica do curso de teatro, adentro ao espaço da sala de aula, de antemão como estagiária. Justamente na sala de aula, que pela primeira vez me deparo com o processo de falta de inclusão social e com o preconceito LGBTQIAP+, discursos de identidade de gêneros que está cada vez mais infiltrado no meio da sociedade, e que vale ser ressaltado e estudado por todos, por ter sido o ponto de partida inicial para que assim os meus conteúdos pudessem abrir uma visão horizontal ao que a proposta

do projeto queria de fato. Naquele presente ano, 2018, a escola concedente que faria o meu estágio - Escola Estadual Nilo Peçanha, ficava localizada no centro da cidade de Manaus, hoje, não está mais no quadro de escolas da capital. Naquela escola, haviam diversas pessoas que se identificavam sujeitos da classe LGBTQIAP+, mas o que me instigou a realizar esta pesquisa foi a minha própria história.

Naquele momento eu enquanto pesquisadora e licencianda, ora se identificava como um menino afeminado quando entrei para academia universitária, e naquele lugar conheço pessoas de diversas personalidades, algumas que voavam no tempo, mas outras que me levaram para voar com elas. Conheci o mundo de uma forma grandiosa, e descobri o que era cada coisa, decidindo para minha vida dar início a um processo pessoal<sup>7</sup>, que me levou a viver quem realmente estava desde o princípio dentro de mim, descobrindo assim, que o pronome certo para ser usado para comigo estava em ela/dela.

O feminino me instigava, e então fui realizando as vontades do meu corpo, conforme ele pedia. Na academia universitária, dentro do processo teatral que era colocado para praticarmos, chega o momento de ir para campo, aonde realizo todo o meu primeiro estágio, na Escola Estadual Ribeiro da Cunha, nas turmas de 1º a 5º ano, o qual finalizei da melhor forma possível, tendo em vista que tive uma recepção aceitável ao universo social, mas, ainda assim, existiam alguns funcionários e estudantes que demonstravam um receio de não aproximação, pela aparência afeminada que de fato apresentava enquanto pessoa.

Era perceptível a reação diferenciada de algumas quando me viam atuando como professora estagiária, alguns estudantes recusavam me ouvir, outros não dirigiam a fala a mim, por várias vezes essas reações de não inclusão se repetiram.

Depois realizei o segundo estágio, o já mencionado, nas turmas de 6º a 9º ano, na Escola Estadual Nilo Peçanha, que pela primeira vez me deparo com uma professora que se identificava como transexual próxima de mim, e o que menos podia imaginar é que com estagiária estaria na supervisão dela, até o diretor da escola apresentá-la como minha supervisora.

A história vivenciada por mim era o bastante para estar naquela escola, para descobrir mais de mim, como eu era, e como as pessoas viam. Ficava a pensar, como deveria ser o peso enquanto história de duas transexuais juntas, que estavam em

---

<sup>7</sup> Refiro-me sobre a transição enquanto identidade de gênero que então estava começando na minha vida.

transição, numa sala de aula com pessoas de pensamentos e vivências diferentes umas das outras. Assim, fiquei bem instigada tendo a presença dela como supervisora, e permaneci com a ideia de trabalhar esses conteúdos enquanto proposta, pois sabia que teria uma ligação aproximada com o processo de identidade de gênero na escola.

Naquele lugar, como estagiária de uma professora que se identificava como “transgênero - termo guarda-chuva que tenta abrigar todas as inúmeras manifestações de identidade de gênero que ocorrem fora do binômio masculino-feminino” (LANZ, 2015), tentando me adequar a ela.

Aquela professora que eu chamava de Paola, foi vista por mim na maioria das vezes, ou melhor em todos os momentos sendo chamada por seu nome civil<sup>8</sup>, inclusive pelo diretor e diversos professores, esses comportamentos de se posicionar para uma mulher com pronomes masculinos, chegavam até os estudantes, fazendo com que os mesmos a desrespeitassem. Em diversos momentos presenciei estudantes ofendendo a professora por ela não ser uma mulher de fato, conforme a visão deles.

Já caminhando para o meio deste processo em sala de aula, pude perceber que eles não conhecem e não entendem nossas escolhas, a liberdade de sermos como somos ou quem somos. A ideia que persisti a eles enquanto jovens é que saberão só do que estão acostumados a ouvir como fala da sociedade, e assim, por várias vezes pude ver estudantes pedirem desculpas daquela professora. O meu estágio precisava finalizar, porém, sai daquela escola satisfeita, pois pude ensinar além do que era desejável naquele momento, que era o meu projeto de teatro no estágio.

Inúmeras vezes dialoguei sobre inclusão social, conversei sobre os conceitos de identidade de gêneros, apresentei-me como um ser que faz parte dessa classe da diversidade, porque encontrava-me no início do processo de transição e fiz muitas pessoas abraçarem aquela professora com o resultado final de um espetáculo que foi realizado dentro do meu projeto, notando que a mesma se sentia em um lugar de aceitação dentro daquela escola, e cedia o perdão.

Justifico-me enquanto pesquisadora desde cedo, rodando o mundo com conhecimento e sabedoria, de forma que a disposição da minha pessoa não esteja só

---

<sup>8</sup> É aquele que consta num registro de nascimento de uma pessoa, o de nascimento.

para aquilo que sei executar, mas que esteja para falar daquilo que vivo, que faz parte de mim. Nesse contexto conheço a proposta metodológica e os pensamentos filosóficos de Judith Butler<sup>9</sup>, que me situa dentro dessas propostas de identidade de gêneros, que me fez entender aos meus pensamentos enquanto fala filosófica do corpo.

Prossigo com o caminhar do corpo, as descobertas de espaços que posso adentrar e as identidades de gêneros que surgem através dos lugares que são abertos a nós enquanto pessoas – ligado “a condução do corpo, que a partir do momento que enquanto gênero você se dar a mudança da persona que você é, você está dando vida a uma performance. Não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais”. (BUTLER, 2003, p.27).

Do ponto de vista prático, desejei sempre que fosse um trabalho que saia dos círculos de rodas teatrais, e que em todo e qualquer contextualização artística, para que possamos pensar nessas diversidades de corpos que estão aos nossos arredores.

É interessante ressaltar a importância de retratar minha própria narrativa, falando da minha pessoa, de um todo que seja possível para ser uma futura professora transexual, e está se posicionando socialmente como professora, artista e estudante dentro e fora da sala de aula.

Será que já tiveram outras pessoas transexuais que tiveram a oportunidade, ou talvez a conjuntura de falar sobre si enquanto identidade de gênero durante a formação no curso de teatro da ESAT? Será mais um projeto de finalização de curso? Esse lugar de fala é importante? Para quem? Como está sendo trabalhado na educação básica, a inclusão de pessoas da classe LGBTQIAP+ principalmente transexuais? Quais as dificuldades encontradas por pessoas transexuais na escola? Assim, esta investigação busca refletir sobre as políticas de acesso e inclusão da população transexual na escola, e como o teatro contribui ou não para o combate as formas de discriminação na escola.

A importância do meu trabalho não é só para mim, mas para todas as pessoas que desejam entender as dificuldades em ser ou como ser transexual nesta sociedade.

---

<sup>9</sup> É uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas contemporâneas do feminismo e da teoria queer, a mesma também escreve sobre teoria e ética.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Delineamento da Pesquisa

Conforme as autoras Marconi e Lakatos, a pesquisa etnográfica

[...] é um tipo de pesquisa qualitativa, que estuda grupos de pessoas enfatizando “os sujeitos pesquisados independentemente das teorias que sustentam a descoberta”. (MARCONI; LAKATOS, 2017).

Pensando nisso, desde início justificando-me, deixo sempre claro onde se iniciou essa proposta, e apresento relatos de vida pessoal e experiências, que se encaixam totalmente nesse tipo de pesquisa. Ressalto mais, que o meu objetivo é ir em busca dessas pessoas que vivem no mesmo lugar que eu, e que tenham falas, a partir de suas vivências sobre o lugar de identidade de gênero. Conforme pensamento de Gil, a pesquisa etnográfica “tem como objetivo o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevistas em profundidade e observação participante”. (Gil, 2019a).

O presente estudo é caracterizado através de pesquisa predominante qualitativa, sendo possível obter maior conhecimento do problema a ser pesquisado. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação.

Digo mais sobre me colocar no lugar das pessoas que então foram entrevistadas, por conta de ser um lugar que eu vivo, que eu sou, que vale demais dar visibilidade enquanto importância de pesquisa para essa sociedade diversificada, onde se encontram pessoas de diversos jeitos e comportamentos, de forma que, não precisa ser visto essa pesquisa de forma sensorial, mais que consigamos olhar para a vida social das pessoas que todos os dias enfrentam algo ou atitudes do tipo que

não são inclusivos. Ressalto, é um conteúdo de vivência que está ligado ao mundo, e não apenas ao nosso lugar, ao que nós somos. Então, a ideia é poder mostrar, que o espaço de lugar enquanto corpo presente é para todos, não existe o nosso espaço, existe o espaço para todos.

O método da pesquisa foi exploratório, “estas pesquisas tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. (GIL. 1996, p. 4). A pesquisa foi organizada em etapas: levantamento bibliográfico, organização de metodologia de campo, etapa prática, análise de dados e diálogos com os sujeitos.

#### 4.2 Delimitação da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Manaus, no período de maio a outubro de 2022, em 5 (cinco) escolas de ensino das redes públicas, as mesmas que estão localizadas na zona leste da cidade, sendo elas no bairro do Armando Mendes, Zumbi, Mutirão, São José e Grande Vitória, todas estaduais. Sabendo então do cuidado enquanto pesquisadora que deveria ser tomado quando adentrasse ao campo, delimito para conduta questionários e algumas perguntas que me ajudassem a ir direto a pessoas que me interessavam, que eram as pessoas que tinham sua identidade de gênero em vista. Naquele momento não importava se era mulher ou homem transexual, ou até mesmo um jovem em fase adulta que estivesse naquela fase de descobrimento pessoal, a única coisa que queríamos era pessoas que estivessem nesse meio social LGBTQIAP+, especificamente sendo elas pessoas transexuais, e que de toda e qualquer maneira se sentissem bem com a nossa presença na realização da execução deste projeto.

A identificação dessas escolas estaduais, foram realizadas através de visitas técnicas, pelo qual pudemos de alguma maneira manusear documentações, para que assim fosse possível adentrar ao campo das mesmas para realização deste trabalho de pesquisa. Quando falo de documentações para adentrar a campo, ressalto um dos que é mais do que necessário para minhas entrevistas, que é o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – o mesmo que garante o respeito das pessoas que participam da pesquisa, através dele buscamos enquanto pesquisadores mostrar respeito, segurança e clareza para os estudantes e professores que participaram de todo o processo que então foi realizado.

Seguindo com o contato presente com os estudantes na sala de aula, pudemos notar o quanto poucos são conhecedores dessa diversidade pelo qual vivemos, diria pessoas que não são do meio daqueles que eles chamam de padrão, e que em alguns momentos, isso pode chegar nele ou nela, com um ar de incomodo, só pelo fato de estar com o corpo presente. Nossas classificações enquanto pessoas era diretamente as que se encaixavam nesse processo de identidade de gênero, diríamos pessoas transexuais. “Para algumas pessoas, a vivência de um gênero discordante do sexo é uma questão de identidade, é o caso das pessoas conhecidas como travestis, e das transexuais, que são tratadas, coletivamente, como parte do grupo chamado de “transgênero”. (JESUS. 2018, p. 16).

A ~~nossa~~ faixa etária para termos como pesquisando era de 17/18/19 anos para frente, sendo eles alunos do ensino médio, pessoas mais jovens com um entendimento mais adulto, volto a repetir, que seriam especificamente pessoas transexuais. Vale ressaltar que seria útil também poder ter a participação de alguns estudantes que se encaixassem enquanto identidade de gênero nesse lugar das pessoas que procurávamos, e que realmente pudessem colaborar dentro desse processo de pesquisa.

#### 4.3 Instrumentos de Coletas de Dados

O estudo se dar enquanto pesquisa a partir do momento que começamos a elaborar a escrita, e sabe-se que, o projeto vai em busca de realizar algo que esteja no universo qualitativo, tendo em vista que em diversos momentos trabalhamos com propostas que nos levam a realizar entrevistas ou diálogos mais pessoais. A ideia desde início enquanto proposta é que trabalhássemos com a entrevista semiestruturada, sabemos que é mais flexível e tem um diálogo natural, como se fosse uma conversa, deixando o entrevistado falar à vontade. A vantagem é que vamos adequando a entrevista a característica do entrevistado, que ele responda de forma mais livre.

O autor Triviños (1987, p. 146), afirma que a entrevista semiestruturada “tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”. O foco principal deve então sempre ser colocado a postos pelo investigador/entrevistador.

CONTINUA Triviños, (1987, p. 152), a pesquisa semiestruturada,

“[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

As entrevistas utilizadas fora dos campos do estágio supervisionado ocorreram com perguntas abertas e fechadas, que pudéssemos dar sempre espaço para que os entrevistados ficassem com suas falas sempre à vontade. Em alguns momentos de realização da mesma, deixássemos claro a importância necessária de realização das entrevistas gravadas, tendo em vista que é através delas que teremos uma futura descrição para a análise de dados.

Mediamos debates na sala de aula após nossas oficinas de aulas teatrais, ~~as~~ ~~mesmas~~ que pudessem instigar esses jovens e adolescentes a querer saber mais, ou até mesmo falar aquilo que estivesse preso, pois ainda existem jovens estudantes que mesmo já em fase adulta, não tem um conhecimento do que é essa diversidade de identidade de gêneros, e que isso é totalmente diferente daquilo que chamamos de gênero. Vale ressaltar, que nada foi sobre pressão, muito pelo contrário, trabalhamos com um jogo sensorial que dizia para si mesmo – “se o corpo está pedindo espaço, deixa ele falar”, e assim fomos interagindo com os estudantes de forma que tudo foi se tornando uma terapia, até para os que estavam mais fechados no início.

As informações desta pesquisa pelo qual foi realizada nas escolas, foram todas coletadas em seus dados primários e secundários. Para Malhotra (2004), falando sobre os dados que a pesquisa deste presente projeto foi realizada, “dados primários são aqueles coletados para fins diferentes do problema em pauta e dados secundários são os originados do pesquisador para solucionar o problema da pesquisa”.

Pensando na proposta do que deveria ser realizado, tínhamos uma ideia de que pudéssemos conseguir alcançar um número de respostas para que fosse de fato solucionado o problema que tínhamos em vista. Algumas coletas foram feitas através de questionários, outras de entrevistas, jornais, revistas e aquilo que pudesse de alguma forma ser agregado ao nosso trabalho. Os dados primários foram coletados diretamente nas escolas, com professores e estudantes do ensino médio, no formato de questionário e entrevistas/diálogos. Já as coletas de dados secundários vieram através de pesquisas e buscas em revistas, notícias, jornais, de forma que pudéssemos alcançar o que realmente almejávamos. Assim, conseguimos seguir continuamente o processo de finalização de nossa pesquisa, lembrando sempre do



cuidado que precisávamos tomar por fazer com que corpo, educação e identidade de gênero estivessem ligados em uma proposta só.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1A INTERLIGAÇÃO DO CORPO: O PROCESSO DE IDENTIDADE DE GÊNERO NA SALA DE AULA.

O que nos guiou nesse caminhar foi o corpo, instrumento significativo da proposta, que o mundo constrói esse corpo partindo de uma relação social, de um padrão do contexto social e cultural. Em meados do século XX, a sociologia começou a fazer grandes pesquisas relacionadas ao corpo. Como explica Le Breton,

Para compreender uma análise sociológica é conveniente desconstruir a evidência primeira que está ligada às nossas representações ocidentais do corpo, para melhor elaborar a natureza do objeto sobre o qual o pesquisador pretende exercer a compreensão. (LE BRETON, 1953).

Acredito que vale entender o que é este corpo, e qual o conceito que o mesmo tem dentro dessa proposta que buscamos executar - diríamos de sexualidade, ligado a gênero e a identidade de gênero.

Várias vezes o corpo cai no esquecimento, porém o usamos para tudo. Quando pesquisamos gêneros, que está ligado a sexualidade, relacionamos diretamente para a relação sexual, então destacamos um outro ponto sobre o tal costume específico da teorização sexual<sup>10</sup>. O centro de tudo é direcionado para o caráter social, não tem como mudar, está diretamente ligado ao gênero que se cria com ou sobre um corpo assexuado<sup>11</sup>, então não é reprimida a biologia, mas evidenciada e ligada a construção social e histórica. Essas características estão associadas e compreendidas diante do que a sociedade impõe e que isto está diretamente ligado ao corpo. Ainda que guiados pelo que a sociedade impõe o corpo sempre terá a liberdade de ser e agir como você bem quiser.

---

<sup>10</sup> Teorização sexual: aquilo que aceitamos na própria sexualidade com uma resistência de uma autoridade diante do meio social.

<sup>11</sup> A pessoa que aparentemente não tem vida sexual.

Na maioria das vezes, aquilo que muitas pessoas entendem como um objeto enquanto ser para a produção de mercadorias. O que incide em uma educação voltada para a disciplina e mais técnica, a partir de um processo de “disciplinarização dos corpos” (FOUCAULT, 2011). O autor quando fala sobre a disciplinarização através do corpo, nos remete a educação que conduz os estudantes, como se fossem adestrador de animais, de forma que tenhamos os mesmos nas palmas de nossas mãos, os guiando e conduzindo seus corpos, sendo responsáveis pelo manuseio deste corpo.

Com a busca, encontramos pessoas que dizem sobre termos um corpo qualquer ou que talvez não exista a conduta de expressividade, porém, deve-se ter a consciência de que o corpo é o que está em nós, que o mesmo estará sempre presente em movimento contínuo, pois ele é ação, e assim entenderemos que “nós não temos um corpo: somos corpo” (MERLEAU-PONTY, 2018). A princípio entenderemos sempre de que o corpo está presente no mundo, onde quer que esteja e que em contrapartida, podemos sim ter a percepção de que “ser corpo é estar atado a um certo mundo”. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 205).

Partindo para esse processo de identificação dentro da sala de aula, encontramos diversas interligações, tínhamos pessoas-chaves para encontrar em campo, e para chegarmos nelas e entendermos este processo, houve a necessidade de então passarmos por toda uma pesquisa conforme tabela 1, para assim construir o que de fato era necessário.

Tabela 1 - Construção de estudo da pesquisa

<b>CORPO PRESENTE</b>	
<b>EDUCAÇÃO: SALA DE AULA</b>	
FALA / MOVIMENTO	CALA / REPOUSO
<b>CORPO: SEXUALIDADE</b>	
<b>GÊNERO</b>	
<b>IDENTIDADE DE GÊNERO</b>	
<b>TRANSEXUAIS</b>	

Fonte: Autoria própria.

O pensamento se difunde bastante quando vamos falar do quanto é significativa a importância ~~a este~~ DO corpo na educação, entender porque este corpo é centro na

sala de aula, mas de uma vez por toda compreender que “o ser humano não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação” (SILVA *et al.*, 2016, p. 190).

No decorrer deste processo, foi difícil desvendar os caminhos do que estes corpos tinham para nos apresentar, e uma das realizações enquanto material das aulas, estavam ligados a jogos sensoriais – para que os estudantes conhecessem e entendessem a diferença dos corpos juntos em ação e que através do componente curricular arte, e do teatro, poderíamos ver o crescimento do corpo, na realização das propostas que eram realizadas. Os corpos estavam sempre em repouso todas as vezes que iríamos começar as aulas, e isso me incomodava bastante enquanto ministradora naquele lugar, no entanto, aquecia os estudantes, para que assim, pudéssemos sentir a presença do outro, com o toque sensível de nossas mãos. Conduzimos o corpo em planos que se diversificavam de alto à baixo, para que a presença desse corpo para o outro, fosse sentida de forma real. Segundo Foucault (2014),

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Dialogar sobre o corpo ser reconhecido, identificado, por exemplo, a criança quando nasce, algumas tem o privilégio de ser criado pelos seus pais, que os cuidam até uma certa fase de crescimento, outras pelo resto de suas vidas, sendo menino ou menina. Com uma certa idade, alguns decidem permanecer naquele espaço, em que o seu corpo se reconhece conforme foi criado, outros acabam abrindo portas para aquilo que realmente são, e conduzem suas vidas da maneira que preferir, em algumas vezes por conta do processo de identidade de gênero.

Retornamos, e de forma breve, conseguimos dar visibilidade extrema ao corpo, no formato da sexualidade, conteúdo, nesse caminhar direto do que é e de como temos o mesmo, até chegar no espaço. Falamos da interligação que o corpo tinha com o mundo, e trago esse corpo que fala, nada mais do que a sexualidade como masculino e feminino. Conforme afirmação de Louro (1997), “é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas”.

Falar de corpo é falar de algo construído na (e pela) cultura, mas que algo natural, (pensando biologicamente), ou universal, o corpo é político, histórico, mutável e, portanto, provisório. Pensar o corpo é ir além da sua materialidade, compreendo-o também por meio de reflexos e sensações, das intervenções realizadas, dos acessórios usados, dos gestos. (GOELLNER, 2010).

Diríamos que só pelo fato de existir já se torna uma habilidade corporal, de forma que, estejamos sempre sendo sábios de que tudo isso que é realizada, vem de passagem pela corporeidade, que nos dar a liberdade de poder realizar tudo o que o corpo pede neste mundo grandioso que nos cerca.

Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural. (LE BRETON, 2012, p. 8).

As marcações culturais de muitos estudantes nos levaram a lhe compreender nesse lugar de reconhecimento pessoal, com muito cuidado demos o tempo possível para que os mesmos que se sentissem à vontade para falar sobre o que sentia pós aula, pudessem chegar conosco e contextualizar do trabalho que foi realizado. Pensando na proposta de identidade, muitos estudantes se perguntam sobre a ideia do corpo, como é e o que é, e conceituá-lo na sala de aula foi bem dinamizador, pois foi uma ajuda e tanto na realização do que propus.

O que desejávamos não era identifica-los como o que fossem, mais sim dar espaço ao corpo deles, para que sentissem o desejo de nos trazer isso através das aulas de teatro realizada. Louro (2016), diz que,

Ao longo dos tempos os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências das normas, valores e ideais da cultura. Então os corpos são o que são na cultura. A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são sempre significados culturalmente e é que se tornam marcas de raça, de gênero, de etnia até mesmo de classe e de nacionalidade. (LOURO, 2016, p. 77, 78).

Nos pequenos acontecimentos que surgiram em sala de aula, existiu um preconceito, enquanto ideia que realizar o teatro na escola não é ensino e sim atraso

para os estudantes, talvez porque as pessoas tenham um certo receio com este corpo que se expressa e fala.

Os sistemas escolares modernos não apenas refletem a ideologia sexual dominante da sociedade, mas produzem ativamente uma cadeia de masculinidades e feminilidades heterossexuais diferenciadas e hierarquicamente ordenadas. Mesmo com essa hierarquização, as construções de gênero não se opõem, ou seja, o feminino não é o oposto nem o complemento do masculino. (SOUZA; ALTMANN, 1999, p. 55).

A escola impõe hierarquias pedagógicas sobre o feminino e o masculino, mostrando diferenças desses gêneros, assim percebemos a falta das palestras de Educação Sexual no âmbito escolar. Especificamente falo de movimentos pedagógicos, artísticos, diversas maneiras práticas que podemos abordar esses assuntos na sala de aula, na escola como um todo, para que os estudantes cresçam com entendimento do que é o universo social das pessoas aqui fora, que nem tudo é do jeito que eles vivem. O gênero na educação escolar é muito hierarquizado, em toda e qualquer direção escolar.

Afinal, é “natural” que os meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que “naturalmente” a escolha dos brinquedos seja diferenciada pelo sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles se “misturem” para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão “características” de cada gênero? Sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes? Como professores de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são “naturalmente” mais agitados e curiosos que as meninas? (LOURO, 2010, p.63).

Falar de gesto performativo que gera diversos significados, é como se o universo do corpo em ação, que tudo se pode fazer quando pensamos corporeidade. Temos sempre que compreender os gêneros de maneira que possamos ver qualidade, e que isso se permeie de forma clara no conceito do sexo. “As pessoas se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero”. (BUTLER. 2010, pág.37).

Coloco-me a pensar enquanto mulher-transsexual, quando digo que a pessoa TRANS<sup>12</sup> é uma pessoa que nasce com um sexo masculino ou feminino, mas que de

---

<sup>12</sup> Trans: abreviação que se dar a transexuais e transgêneros.

alguma maneira não se identificava como tal, fazendo assim, com que a sociedade lhe visse como aparentemente mostrava ser. Entramos de forma direta nos discursos sobre quem somos enquanto transexual, de antemão dizemos também que somos pessoas que vive a transexualidade, que mesmo mudando a nomenclatura, a visão que temos sobre a identidade é a mesma. Para Jesus (2012),

A transexualidade é o termo que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Para pessoas transexuais, isso é apenas uma característica, entre outras, e não a única. (JESUS, 2012).

O que vemos em razão disso, é que encontramos autores que vão falar sobre essa questão da violência na educação contra as pessoas que são transexuais, não pelo o que são, mais pelo fato de que em muitas situações são confundidas com travestis nesse lugar, e que acabam sendo vistas como pessoas “transgressoras do padrão que determina o conviver apenas nesses dois gêneros, sendo alvo de muitas violências e discriminações por essa transgressão”. (BRASIL, 2015, p. 10). A pessoa transexual está ligada a essa característica, que por vez nasce homem, mas que possivelmente tende enquanto pessoa se identificar como mulher enquanto identidade de gênero, dando lugar a esse ser transexual.

Penso sobre estar nesse lugar e saber o que realmente é enquanto conceito real, quem é ou como é, porque se não o que sempre terá para dizer – não que seja de importância para alguém ficar falando, porque a gente que vivi nesse lugar sabe que tem mais quem se incomode, do que quem se agrada - mas para que possamos ter um conceito plausível para falar deste processo.

A cultura tem uma grande influência de dominadores sobre o uso dos corpos, pois é ela que forma nossa identidade. É importante antes de qualquer coisa, termos a compreensão que tudo o que falamos sobre gênero, sexualidade, identidade de gênero – tanto na vida social, como na educação, e sobre orientação sexual, são propostas que estão ligadas ao corpo, para que assim entendamos, que tudo parte do corpo, pois o mesmo há de pensar, sentir e expressar, todas as vezes que for necessário.

## 5.2 PROCESSO DE CRIAÇÃO EM TEATRO, EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Tudo que relato enquanto pesquisadora, me permeio a dizer então da minha segunda fase de estágio supervisionado, que deveríamos realizar uma pesquisa de campo sobre as escolas da região da nossa residência. De vista conhecia bem pouco as escolas da região centro, que era o bairro que eu residia.

Naquele momento estava eu no início do meu processo de transição enquanto identidade de gênero, e mesmo com todo o porte físico e postura presente de corpo que tinha enquanto pessoa, tinha muito medo ou receio de enfrentar os olhares da sociedade, ou a fala das pessoas que ridicularizam a nossa classe. Ao chegar na escola, continuamos com o mesmo pensamento de em algum momento acontecer algo que pudesse me deixar distante de tudo e de todos, mas a pressão foi pouca e desde o diretor, aos alunos foram bem receptivos no momento que foram me apresentar nas salas, uma vez ou outra ouvi algumas risadas ou chacotas pela minha presença naquele lugar, mas não desmoronei, continuei de pé acreditando que daria muito certo.

A Escola Estadual Nilo Peçanha, era uma escola simples e pequena por fora, mas a partir do momento que você entrava, você tinha um universo de pessoas que a deixavam tudo muito diferente, começando pelos estudantes. As salas eram muito pequenas, demais mesmo, parecia sempre que o teto estava encostando em nossas cabeças, haviam muitas escadas que te conduziam a cada lugar estranho que me colocava a pensar se realmente era onde eu deveria estar, um pátio a céu aberto que é onde aconteciam a realização de todos os trabalhos, e uns estudantes incríveis, cada um com suas características que foram de uma forma como um todo, mais do que uma contribuição grandiosa dentro do meu estágio e da minha construção enquanto pessoa no meio da sociedade. Quem olhava a E.E.N.P. de fora conforme figura 2, não imaginava o quão era rico de sabedoria aquele lugar.

Figura 2 - Escola Estadual Nilo Peçanha



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Tudo parecia ser tão simples quanto o primeiro estágio, o que aparentava a mim, era que mais uma vez estaria então somente ligada as propostas que o supervisor do estágio tinha enquanto modalidades metodológicas, para que pudesse me encontrar como professora, imaginei que então chegaria o dia da minha regência<sup>13</sup>, e que chegaria o dia de finalizar.

No momento não me identificava com nenhum nome social, e mesmo já no início da transição relacionada a identidade de gênero, pedia sempre para que se direcionassem a mim pelo pronome ela/dela, me sentia confortável quando se direcionavam a mim desta maneira. Foi um processo que até hoje me motiva a lutar todos os dias para que tenhamos no mínimo inclusão para com todos, inclusive dentro da escola.

Eu tinha um receio enorme de estar naquele lugar, mesmo me sentindo segura na maioria das vezes, o olhar das pessoas as vezes me fazia imaginar que eles criavam em alguns momentos um distanciamento da minha pessoa, e como de costume pela pessoa que sou, o que mais o meu corpo queria dizer era quem eu era ou o que era de fato a pessoa em mim, me perguntei por diversas vezes qual era o pensamento que tinham, e era perceptível que iria me deparar com pessoas que

---

<sup>13</sup> Regência: A aula que desenvolvemos enquanto estagiário nas escolas, e somos avaliados pelo professor(a) da disciplina na academia universitária.



entenderiam quem sou, no entanto, me enganei, pois era um espaço leigo sobre nossa classe social, e uma das coisas que buscava propor naquele lugar era que todos pudessem entender o nosso mundo e respeitá-lo da maneira que é.

O intento, ao problematizar esse tema no espaço educativo é apontar caminhos para a construção de uma escola não sexista e não discriminatória, que forme sujeitos que saibam lidar com as diferenças, sem transformá-las em desigualdades sociais (ARAÚJO E ESMERALDO, 2014).

O único desejo que tinha era poder falar do meu mundo, não como uma pessoa transexual, mas um corpo que se identifica de um jeito que não é igual a todos, mas que meu corpo é igual de qualquer pessoa, e senti por várias vezes naquela escola o desejo de se expressar, mesmo tendo medo de ser rejeitado.

No quinto dia de estágio apareceu quem me supervisionaria, avistei a mesma por diversos lugares na escola e nos encontramos somente na sala da diretoria, quando fui chamada pelo diretor para que pudesse conhecer minha supervisora.

Recordo esse momento para mim e para as pessoas que são transexuais e exercem algum cargo no espaço convencional escolar, como algo inferior todas as vezes que lembro, quando me deparei com o diretor, e uma mulher de calça jeans, cabelos longos, maquiada, unhas grandes e uma camisa feminina cor de vinho, com um sapato feminino, e o diretor disse: “quero lhe apresentar o professor Paulo, que vai ser o seu supervisor na disciplina de artes”, apenas olhei, apresentei-me a professora que naquele momento tinha sido apresentada no gênero masculino e segui para a sala.

Identifico-me com a professora, e conversávamos bastante, e em uma de nossas conversas das vezes a sós na sala de aula enquanto estudantes estavam em horário de intervalo, foi sobre a pressão que as pessoas daquela escola botavam sobre ela, pelo fato de ser uma mulher como qualquer outra. Demos a mão e caminhamos juntas, até porque estava eu no início de minha transição como já dito e a professora que se apresentou a mim depois como Paola de Oliveira, seria então uma pessoa essencial para o meu processo, e que de uma forma como um todo me ajudaria na realização do projeto de teatro.

Mesmo com diversas indiferenças que aconteciam pela presença da professora naquela escola, e também da minha pessoa que tinha pessoa, tinha certeza que um

dia ainda teria a oportunidade de falar do meu processo enquanto mulher-transexual, um assunto muito delicado para se falar dentro daquele espaço escolar.

Os discursos que promovem ou praticam a humilhação, a exclusão e a violência contra a população LGBT opõem-se aos direitos de cidadania, pois impedem que alguns desfrutem desses direitos. Essa constatação denuncia a concepção de cidadania como privilégio de alguns em detrimento de outros e a existência do preconceito na comunidade democrática. Essa forma de exclusão permanece, muitas vezes, invisível nas hierarquizações do preconceito social (MACHADO; PRADO, 2008).

Desde sempre tive bondade muito grande para com as pessoas, e coloquei na cabeça que precisava lutar. Depois de um tempo como estagiária, identifico que encontravam ali outros professores que conforme minha identificação se encaixavam em alguma orientação sexual que estivesse ligada a classe LGBTQIAP+, mas não deixavam claro o tipo de identificação que tinham, o que me levou à diversos entendimentos de que haveria sim abertura para abordar sobre a temática.

Iniciamos o projeto de teatro, e as turmas de 6º a 9º ano, e comecei a deparar-me com muitos estudantes que eram identificados por mim como garotos e garotas homossexuais.

De uma vez por toda, me encontrava despreparada, pois hora ou outra presenciava que alguns estudantes (do gênero masculino) se dirigiam a professora no formato de gênero masculino, mesmo ela estando visualmente como mulher. Com muita licença, em uma de nossas conversas perguntei a professora se poderia fazer algo para que pudéssemos pensar numa maneira de trabalharmos a inclusão social, inclusive para com a mesma, que era professora daquela escola desde início, e mesmo assim ainda não era respeitada como se identificava.

Continuamos caminhando no estágio, trabalhamos com performances teatrais, observei que na escola tínhamos crianças que tinham deficiência mental, alunos autistas, alguns que apresentavam deficiência auditivas, casos de crianças em situações de discriminação que sofriam.

O projeto que tinha por título “o movimento do corpo-personagem e a consciência da composição criativa para um espetáculo de teatro musical na educação básica”, pude criar a semana das artes, como temática “Inclusão Social na Educação Peçanha”. Dias e dias foram árduos ao lado daquela professora para que

podéssemos realizar o projeto, e todos os dias buscava então me aproximar dos estudantes, para e ganhasse a confiança deles para falar do nosso meio social, que era o que me instigava naquele momento por conta da minha supervisora.

Os trabalhos começaram a ganhar vidas, e na maioria das vezes me aproveitava dos ensaios em preparação para a semana de artes para falar da classe LGBTQIAP+, e percebia que os estudantes tinham interesse em entender, e inclusive, aqueles que não eram chegados ao assunto acabavam compreendendo a ideia que busquei para falar com eles sobre isso, pois era um espaço social em que todos mereciam adentrar, e ser principalmente respeitado como bem entendessem. Assim, fomos dando seguimentos ao que era necessário.

Lembro-me até hoje de todas as dramaturgias e sinopses construídas por mim para a realização desse trabalho. Dividimos as turmas em 7 modalidades de artes, e minha turma era o 6º ano A, que ficou responsável pela apresentação teatral. Enquanto estagiária fui dramaturga deles, dirigi, medieei da melhor forma possível cada detalhe, até figurinista de todos fui, e então realizamos como resultado final o espetáculo “Emília, ame o próximo do jeito que é”.

Para mim era perceptível que existiam professores que tinham receio de falar da temática, lhes faltava coragem, e pude falar, de um meio social como um todo. A dramaturgia do teatro que foi realizado foi bem relevante, no final chamávamos a professora para celebrar a vida do jeito que de fato é, em que todos os personagens dançavam a uma música que dava significado ao ato de inclusão, e que com o consentimento e pedido de todos, pude como estagiária adentrar como personagem dançando e deixando aquele espetáculo mais emocionante. A maioria dos estudantes se emocionaram pela sensibilidade que tinham, e todos aplaudiram a professora, levantando várias placas de qualidades que nós tínhamos feito com diversas mensagens de acolhimento social, parabenizando-a pela mulher e professora que é.

O no espetáculo que foi realizado, teve a divisão dos personagens conforme tabela 2, parra que pudéssemos abrir espaços para diversas pessoas que tinham alguma diferença especial.

Tabela 2 - Divisão dos personagens do projeto de estágio

---

**Projeto: Artes na escola**

---

**Objetivo: Abordar conteúdos necessário da nossa sociedade, nas propostas artísticas que fossem apresentadas.**

**Espectáculo: Emília, ame o próximo do jeito que é.**

<b>Nome</b>	<b>Personagem</b>	<b>Personalidade identificada</b>
M.L.	Boneca Emília	A primeira foi escolhida porque de fato se encaixava no que queríamos, inclusive chamavam ela de Luizão, pelo fato de ela se identificar como lésbica, ainda na juventude.
B.S.	Boneca Emília	Essa escolha foi por conta de ser uma garota que sofria preconceito na escola por ser baixinha, e que possivelmente, não queríamos deixar ela de fora do que propusemos naquele momento.
C.H.	Pedrinho	Ele era um garoto feliz, que se orientava sexualmente como uma pessoa homossexual, e que levava até tapas na escola de alunos que se sentiam na liberdade de agredi-lo.
A.C.	Narizinho	Era uma menina que a chamavam de feia na sala de aula, e que sempre víamos sozinha, na maioria das vezes chorando, especificamente, tornava-se dentro da escola motivo de chacota.
P.M.	Visconde	O garoto foi o personagem por conta de ser um aluno autista, queríamos deixar visível em nossa criação como todos são capazes através do fazer teatral.
M.R.	Saci	Especificamente era a aluna que mais me identifiquei e tive muita intimidade na escola, era uma menina que não tinha uma vez que não víamos ela chorando, pois ela era negra e sofria preconceito dentro de casa pelo seu pai, que por sinal era branco.
G.M.	Tia Nastácia	A mercê do que tínhamos enquanto proposta, foi colocado uma menina branca, que como a personagem real é negra nas histórias dos contos de Emília, poderíamos diferenciar, aliás a ideia foi da aluna que deixou tudo maravilhoso.

Fonte: Autoria Própria

Assim realizamos o nosso trabalho, espetáculo que terminava com a chegada da Cuca, que criamos a mesma com o sentimento de amor e não tinha ela em cena como personagem, nós que enquanto personagem trazíamos a professora Paola para o centro da apresentação e a chamávamos de Cuca bondosa, que não era uma pessoa que iria cometer mal algum, muito pelo contrário, era alguém que precisava de respeito, de espaço, de voz, era alguém que precisava ver os seus estudantes entenderem ela como de fato ela é, para que isso fosse sempre contínuo, não só para

com ela, mais com todos que adentrassem aquela escola aparentando se encaixar em alguma identidade de gênero.

Finalizei o estágio na E.E.N.P. depois de um mês que aconteceu essa apresentação, e pude perceber que inclusive a atitude dos profissionais da escola com a professora Paola tinha mudado, e que valeu muito a pena me doar mais do que imaginava para realizar algo bom, que teve fluência positiva. Uma das experiências que me trouxeram até aqui na realização desta pesquisa, e que possivelmente levarei para minha vida pessoal sempre que adentrar em alguma escola, para que assim tenhamos voz, espaço e no mínimo respeito.

## 6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

No Brasil, operamos, explícita ou implicitamente, com uma identidade referência: o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão (Louro, 1998). As outras identidades são constituídas, precisamente, como “outras” em relação a essa referência; em relação à identidade que, por se constituir na norma, no padrão e critério, goza de uma posição não marcada ou, em outros termos, é representada como “não problemática”. [...] a identidade que foge à norma, que se diferencia do padrão, que se toma marcada. Ela escapa ou contraria aquilo que é esperado, ela se desvia do modelo. (LOURO, 2000, p. 68).

Com base na estrutura do que estava seguindo enquanto pesquisa, precisávamos encontrar pessoas através da aula de teatro, de forma que, pudéssemos trabalhar em cima desse processo de identificação de gênero e que assim fosse possível entender também como é a vivência dessas pessoas nesse ambiente escolar, tendo em vista que uma das coisas que mais acontece dentro das escolas é a falta de aceitação e respeito com pessoas da classe LGBTQIAP+, e que possivelmente nos sairíamos conformados de que teríamos uma pesquisa positiva enquanto resultados que precisávamos encontrar.

O primeiro passo foi entrar na escola. A partir do momento que entro ao ambiente percebo que não é o meu espaço, e que mais ainda, tanto nos professores, como nos estudantes, afetamos muito por ser diferente no pensamento deles. Mas, segui com o objetivo que se existia por estar ali, e a primeira pessoa que tem contato direto comigo é um estudante, o mesmo que cursava o 2º ano do ensino médio e que

tinha 18 anos, me apresentou a escola toda e me direcionou a sala do diretor, que já me aguardava para o início desta pesquisa.

Direcionada a sala de aula nos momentos de atuação enquanto pesquisadora, inicia-se então os trabalhos, uma turma do 3º ano do ensino médio com estudantes de diversas maneiras, personalidades, opiniões e uma aparência que me colocou em um lugar que não estavam nada à vontade com a presença de uma transexual na sala – que era eu, e que possivelmente já deveria ter passado por ali alguma professora ou estudante que estivesse no mesmo lugar de fala que a mim. Naquela sala se encontrava uma aluna de 19 anos e com poucos contatos na sala, que inclusive havia voltado a estudar naquele presente ano por conta de ter abandonado a escola na época da sua transição, pois vivenciou muitos atos de preconceito e discriminação, e por uma boa temporada ficou parada das aulas.

Tempos e tempos se passam, e sabemos que essa questão de discriminação estará sempre em campo, seja na escola, faculdade, trabalho, e quando alguém se coloca neste lugar para diminuir as pessoas, principalmente em um espaço convencional como é a sala de aula, visamos que é uma situação que “compromete a permanência de determinados grupos na escola” (MIRANDA, 2010, p. 21).

Então, a primeira oportunidade de conversação veio desta aluna, de forma que tive tempo suficiente para sentar e conversar com a mesma, que por várias vezes me disse um pouco da sua trajetória de vida, e inclusive do seu processo de vivência dentro do ambiente escolar. O processo de pesquisa na escola se dá partida, de maneira que após entender o meu objetivo, leva-me a conhecer várias outras colegas que eram estudantes daquela concedente e que possivelmente poderiam fazer parte da minha pesquisa.

Conseqüentemente a busca foi maior nessa área das escolas da zona leste por conta de conhecer como um lugar onde muitas garotas e garotos transexuais se encontram, o que eu não fazia ideia é que encontraria de maneira rápida todos em escolas tão próximas. Possivelmente encontraria bem mais se eu estivesse fazendo uma busca enquanto quantidade, esse não era meu ponto chave, o desejo era entender como era o espaço dessas pessoas enquanto vivência nas salas de aula, e me aproprio das escolas colaboradoras como apresenta-se na tabela 3, enquanto campo para a pesquisa.

Tabela 3 - Escolas colaboradoras da pesquisa

<b>E.E.P.D.T.</b>	Grande Vitória/GM
<b>E.E.P.F.P.</b>	Zumbi dos Palmares
<b>E.E.P.J.B.</b>	Mutirão/CN
<b>E.E.E.P.</b>	São José II
<b>E.M.R.S.</b>	Armando Mendes

Fonte: Autoria Própria.

Coloco-me a falar principalmente sobre o fazer teatral quando converso com os estudantes e compartilham de bons papos que alimentam a minha construção.

O processo segue pela concedente E.E.D.T., que foi a escola que mais encontrei essas pessoas, e lembrando do aluno que me recepcionou maravilhosamente quando cheguei na escola, ele é um garoto transexual, que se identifica desde pequeno como um garoto, e me confessa que inclusive obrigava seus pais a comprar roupas de meninos para ele usar, lá pelos seus 9 anos, e na escola nunca foi respeitado do jeito que era de verdade.

O estudante me contou que a primeira vez que chegou a escola de cabelo cortado, uma professora que dava aula de matemática disse para ele: “me desculpa, mais só irei chamar seu nome na chamada quando seu cabelo crescer”. Encontra-se sempre essas situações neste lugar, e o que muitas vezes as pessoas vão dizer é que não passou de uma brincadeira, sem nem perceber o quanto isso machuca na pessoa que recebe, pois talvez seja uma maneira de chacotear todas as vezes que está presente.

Com suas bases emocionais fragilizadas, têm que encontrar forças para lidar com o estigma e a discriminação sistemática e ostensiva [...]. As experiências de chacota, ridicularização e humilhação, as diversas formas de opressão e os processos de segregação e quotização a que estão expostas as arrasta como uma “rede de exclusão” que se fortalece, na ausência de ações de enfrentamento ao estigma e ao preconceito. (JUNQUEIRA, 2012, p. 18).

Assim o meu pensamento se engrandece, e como pesquisadora, eu não buscava apenas abrir leques para desenvolver só as minhas aulas de teatro, e sim, abrir espaços de acolhimento nas aulas, mais um espaço que fosse de todos, onde não existisse preferência para pessoas participarem.

O processo teatral se deu início com minha mediação, e a cada aula que era realizada trazia algo como significado do jogo teatral que realizaríamos, tivemos 2 (duas) aulas sobre conceitos do corpo presente, do corpo que fala, e que também responde através da reação que tem, e sobre o que era esse processo de identidade de gênero, e gerou discursões boas e também ruins.

Caminhando já pela quinta aula realizada nas turmas do 2º ano e do 3º ano, iniciamos o processo de diálogo particular com os estudantes, para que assim pudesse realizar as entrevistas de forma mais discreta, foi quando me coloquei no lugar de ouvinte e deixei falarem. Caminhando dentro da pesquisa, conheço uma estudante do 3º ano A, que tinha 18 anos de idade e se dispôs a conversar.

O processo era contínuo e durante todas as aulas pude conversar com vários estudantes, cada aula o desejo de se pronunciar dentro do processo e sobre a proposta que a pesquisa tinha era mais instigador, e pela proporção do que estava se tomando minhas aulas, não conseguia falar apenas do meu processo de pesquisa que era o teatro como um todo dentro dessa busca permanente neste lugar. Precisava ouvir todos sobre a vivência no ambiente escolar, e ouvi, mesmo com alguns atos de reiteração ofensivas que vemos presentes em alguns momentos, consegui de uma forma como um todo equilibrar sempre o que poderia ser constrangimento para alguém.

[...] a escola não produz as desigualdades (sejam elas de sexualidade, de gênero, de raça ou de classe, por exemplo), mas – muitas vezes – legitima-as na medida em que reitera no seu interior normas postas em circulação na sociedade. Essa reiteração se dá a partir dos comportamentos e falas de todos aqueles que por ela circulam, ou seja, professores, gestores, funcionários, alunos, responsáveis, entre outros. (GUIZZO; FELIPE, 2015, p. 11).

Em uma outra escola conheci uma estudante, a mesma que relatou sobre sua vivência e me deixou emocionada, por várias vezes ter me identificado com o processo vivido dentro da escola. O que mais me deixava com pensamentos positivos, é que nesses momentos além de como pesquisadora poder ouvir estudantes de forma mais particular sobre suas vivências, pude perceber que suas experiências são grandes, ou se não existe experiências, existem desejos de estar nesse lugar teatral.

Pensando em quê busquei realizar dentro da escola, acredito como futura professora deste ambiente, que ainda assim as escolas através dos pedagogos e dos próprios professores principalmente, necessitam muito de realizações de amostras,



saraus, seminários, palestras, programações que busquem abordar temas do nosso meio social, conteúdos que seja necessário de fato para o nosso ambiente enquanto sociedade, para que assim, estejamos ligados a essa ideia de inclusão social, enquanto educação e respeito.

Na maioria das vezes, a escola é um dos principais desencadeadores desses processos de exclusão expressos por uma violência anunciada, na maioria das vezes por parte do corpo docente, e outra violência velada e/ou silenciada, pelos/as agentes escolares. Cabe ainda destacar que essas formas de violência, sobretudo a anunciada, muitas vezes se consagra em outra forma de violência a qual definimos como violência materializada, incidindo diretamente na possibilidade de prejuízo e/ou violação física por parte da pessoa exposta. (FRANCO; CICILLINI, 2015, p. 9).

Acredito que o que se ensina acerca da temática da transexualidade e suas relações com a escola é de suma importância para que os estudantes consigam aprender, e que se for algo que não esteja ligado ao que vivem ou respeitam, pelo menos fica no corpo para que eles não cometam algum ato de transfobia, preconceito ou violência, ou qualquer outro ato que esteja ligado a essa questão de falta de inclusão social. Como costumo sempre dizer, as escolas não precisam criar disciplinas para falar apenas disso, mas seria o mínimo abordar esses conceitos, para que os estudantes possam crescer respeitando a todos respeitando o jeito que são.

Com a experiência de atuação na sala de aula, busquei sempre está no lugar de todos, das pessoas que eram transexuais, assim como das pessoas que não eram, para que eu pudesse entender a opinião de todos, e poder encaixar a visão desses estudantes no lugar exato. Uma das coisas que me chama a atenção dentro das escolas, é porque além de tudo vemos que estudantes transexuais estão cada vez mais em número grande ocupando esses espaços, de forma que esses lugares possam ser preenchidos por essa sociedade que precisa sempre ter esse lugar de inclusão.

Na época antiga as pessoas transexuais geralmente se retraíam muito com qualquer reação, como na minha vivência mesmo sabe algumas vezes me calei, porém, me chama a atenção ver que muitos das pessoas transexuais se colocam, se posicionam, entendem quem são e como devem ter esta fala sobre esse lugar, sendo assim, cada vez mais proporcionando uma boa visão de quem está de fora vendo. O acompanhamento de alguns desses estudantes vem de família cristã, que vivem a

religiosidade e que pelas artes, acaba se realizando na escola através de ocasiões que surgem, que faz com que eles possam de fato viver o que querem, o que lhe faz bem.

Me aproprio de conhecimento com um dos estudantes, que saiu de casa para morar na casa de uma colega que cresceu com o gênero feminino, se considerava uma garota transexual, mas dizia que não se identificava ainda com nenhum nome feminino, então preferia ser chamado pelo seu nome de registro, mesmo tendo aparência de mulher. As buscas continuavam, e tinha a percepção que muitas coisas ainda iriam rolar, assim como o reencontro. Em uma das escolas me deparei com a presença da professora que foi minha supervisora, a mesma que me incentivou a realizar esse projeto enquanto proposta de pesquisa, e que ali estava para continuar agregando e participando da realização do mesmo.

A professora atuava na E.E.F.P. ofertava apenas a disciplina de língua inglesa, porém, não mediu esforços para fazer parte deste processo que ela acompanhou na E.E.N.P. enquanto inclusão social, e que a escola que nos reencontramos especificamente tinha um objetivo em comum ao projeto anterior, mais com pessoas de vivência deste lugar no qual estamos.

Muitas ideias trocadas, e sou levada a conhecer um de seus companheiros de trabalho em uma das escolas atuantes na rede pública de Manaus, que era um professor transexual, que já atua nessa cadeira de professor de história há 5 (cinco) anos, e que conversou bastante sobre esse processo de vivência enquanto professor transexual na sala de aula. O professor nos relata sobre uma experiência vivida quando ainda era estudante da educação básica, e nos mostra o quanto busca não permitir que não aconteça o mesmo com outros estudantes na sua escola.

Consequentemente entendo que existe muitos acontecimentos que surgem através de signos momentâneos, como utilizar o banheiro, roupas, calçados, e que dentro da escola não se tem o respeito por esse simples fato que parece ser indiferente nos olhos de quem não se sente bem com a vivência do outro. Infelizmente a escola as vezes não consegue resolver esses acontecimentos, e acabam gerando grandes coisas com pequenos negócios.

O banheiro da escola é muito mais que um espaço reservado à realização de necessidades fisiológicas; ele é parte fundamental do processo de construção de identidades e reprodução das diferenças, e é neste espaço que as/os estudantes transexuais e travestis passam por constrangimentos, aversões e diversas

outras formas de agressão e segregação. (OLIVEIRA JUNIOR; MAIO, 2016, p. 167).

Os acontecimentos mais simples, é que na maioria das vezes acaba transmitindo a sociedade que, a classe das pessoas que são transexuais ou travestis é uma sociedade que está ligada a vandalismo ou transgressões, e a percepção sobre o que as colocam nesse lugar nunca é vista, e acabam as tornando-a na maioria das vezes pessoas de má índole, por conta do que a sociedade impõe sobre essas pessoas.

A população transexual é historicamente estigmatizada e marginalizada por se desviar dos padrões impostos como normais acerca da identidade de gênero. A ocorrência de violências (físicas, psicológicas e simbólicas) contra essa população é constante. De modo velado, violenta-se o indivíduo ao excluí-lo do convívio social saudável, dificultando seu acesso aos serviços e sequer reconhecendo sua identidade. (SILVA et al., 2017, p. 836).

Consigo dentro da pesquisa realizar de forma adaptável, aulas pelo qual possamos dar espaço a todos os estudantes, como coloco em minha fala e escrita, precisei enquanto pesquisadora está no lugar de todos, compreender a fala de um conjunto, de uma turma onde tinham diversas pessoas de diferentes personalidades que me conduziram a realização de propostas para cumprir o que eu buscava. Não tinham como de forma específica falar só sobre o meu lugar, abordar e apresentar a eles só o que vivo, pois sabia enquanto pesquisadora que eles iriam querer apresentar o mundo deles também, então, fui bem ousada, mesmo em alguns momentos pensando que seria desafiar-me demais, porém, não tive medo e segui.

A partir dos anos 2000, especialmente com a ascensão do governo Lula em 2003, o movimento LGBT incorporou em sua agenda a luta pela criminalização da homofobia, ao lado de outras reivindicações, algumas delas direcionadas a públicos específicos: travestis e homens e mulheres transexuais, por exemplo, que ansiavam pelo reconhecimento e direito ao uso do nome social. No campo da educação, a reivindicação é pela inclusão da temática sobre gênero e diversidade sexual nos currículos escolares. O que diferencia os dois momentos (antes e depois dos anos 2000) é que, com a maior participação dos movimentos sociais no governo, os movimentos passaram a ser cada vez mais representados no Estado e com meios mais eficazes de negociação. (SOUZA, 2016, p. 145).

Finaliza-se a busca, e os diálogos me levam a pensamentos grandiosos de realização enquanto teatro, pois sabemos que é impossível pensarmos na realização

enquanto componente curricular, mas temos a consciência que podemos fazer acontecer, e fazer com que permaneça a diversidade de coisas que acontecem de forma desnecessária no ambiente escolar. A pesquisa foi realizada de forma particular nas escolas com dois professores e nove estudantes, sendo todos transexuais conforme tabela 4, que agregaram de forma específica com o que gostaríamos de realizar. Podemos tornar tudo agradável, para que o espaço seja de todos.

Tabela 4 - Estudantes e Professores transexuais entrevistados

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>
T.M.	31 anos	Professora de Língua Inglesa
L.G.	29 anos	Professora de História
H.M.	18 anos	Estudante
T.M.	18 anos	Estudante
A.G.	19 anos	Estudante e Maquiadora
H.B.	19 anos	Estudante, Bailarina e Maquiadora
V.H.	20 anos	Estudante e Produtor de eventos
T.C.	18 anos	Ator e Estudante
E.S.	20 anos	Estudante
M.K.	18 anos	Estudante
V.L.	18 anos	Estudante e Cabeleleira

Fonte: Autoria própria.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que conforme a vivência que me trouxe até aqui na sala de aula ainda como estagiária, adentrar com o pé direito para falar de um espaço que vivi e me mantive com a proposta que falava de educação do meu processo de educadora que vem sendo construído, a transexualidade que é o universo pelo qual vivo e a presença do corpo como um ser que é visual enquanto aparência, para dialogar com a proposta e as pessoas para identifica-lo ou não com a temática.

Quando falamos de adentrar as escolas temos a ciência de que devemos estar preparados a tudo, para as opiniões de jovens que desconhecem o conteúdo. Com

uma estrutura de ensino aprendizagem, nota-se que a identificação do ser enquanto gênero é perceptível, pois os corpos das pessoas costumam mostrar, falar, dizer, como sempre foi dito no percorrer deste processo, e que nos davam espaços para iniciar um diálogo de pesquisa, e entender como era o reconhecimento do seu corpo. Em alguns momentos nos deparamos com estudantes que tinham receio de demonstrar está nesse lugar, foi quando aproveitamos para falar de inclusão social todas as vezes que foram necessárias. Constatou-se que o objetivo geral foi atendido porque efetivamente o trabalho conseguiu identificar o que queríamos, encontrar dentro deste processo de vivência que estudantes e professores transexuais tinham dentro das escolas.

Durante a realização surgem sempre aquelas brincadeiras que no fundo tão falando sério sobre o processo de quem era o quê, como fulano ou ciclano se identificava, o que de forma como um todo nos fazia ganhar mais intimidade com todos, para que assim fosse possível alcançar o que queríamos. Após a compreensão sobre o processo de identidade, descobrimos também alguns estudantes que já caminhavam dentro do processo transexual, mas que por medo do que a sociedade diria não abriam a porta para sair do armário que se fechavam para o que eram de verdade.

A proposta de distinguir a vivência dos estudantes enquanto imagem, o corpo, a presença de quem eram eles, nos deixou de suma importância com uma certeza de que valeria a pena caminhar com segurança dentro desse patamar que nos direcionou até ali. Diríamos que não foi fácil trabalhar em cima do processo de identificação através do corpo.

Entramos em um processo de identificação que era muito necessário, e funcionou muito, pelo o que ficou perceptível através do diálogo com a galera que fez parte de nossas entrevistas individuais, ouvimos muito o que de fato relatei dentro do referencial teórico. A pesquisa surgiu com a hipótese de que seria muito necessário abordar o tema dentro das escolas, como sugestão do que muitos de nós presenciemos hoje em dia quando se refere a essa questão de inclusão social. Esse processo do ser transexual nas escolas precisava ser colocado a todos.

Por termos muitos jovens que se enquadram na sociedade LGBTQIAP+ buscamos abraçar a causa por ser uma vivência nossa de pesquisadora, porque pretendíamos deixar perceptível que essas pessoas precisam de espaço, que elas merecem ser respeitadas do jeito que o seu corpo aparentemente demonstra ser, e

que fazer artes na escola não é coisa de bichas - como várias vezes ouvimos alguns estudantes dizer. Durante os procedimentos das aulas que eram realizadas, descobriu-se que ali estava presente uma diversidade de pessoas que se identificavam já aparentemente com alguma identidade de gênero, e que no caminhar do processo de pesquisa, automaticamente já nos dirigíamos ao final da aula para dialogar com esses estudantes, de forma que pudéssemos então prosseguir com a pesquisa, ora realizando o teste da hipótese que conseguimos buscar no formato que apresentamos na análise dos resultados, tendo confirmação do que buscávamos enquanto hipótese dentro da pesquisa.

Com a experiência encontrada no processo de estágio se adequamos dentro da pesquisa por conta dos enfrentamentos de ações e reações que foram encontrados na sala de aula, e que possivelmente tínhamos como problema maior, essa falta de liberdade e expressão, essa falta de reconhecimento mesmo do que o corpo daquela professora apresentava ser e mesmo assim não era respeitado conforme o gênero que ela aparentava, e então, buscamos saber se através das nossas aulas de teatro seria possível corrigirmos esses pequenos erros que criam barreiras ocultas dentro dos afetados, sejam eles estudantes ou professores.

Resolvemos o problema desde o início quando já abordamos o conteúdo, pois apesar de serem jovens conscientes, nos demonstravam o interesse que tinham de entender o que era cada lugar, e que possivelmente esse processo de identidade de gênero lhes colocou num espaço de auto avaliação e reconhecimento do seu corpo.

A pesquisa desde o início teve uma elaboração e construção com muito cuidado, pois não sabíamos o que nos esperava, como sempre citei no decorrer do processo de realização, sabia que não seria fácil mais o que se esperava é que fosse bem mais difícil, porém, conseguimos propor atividades de processos cênicos e jogos sensoriais dentro do universo cômico, justamente para trabalhar esse processo de identificação, e fluiu muito bem.

Nossas práticas foram todas realizadas nas salas de aulas, e em alguns espaços fora da sala, pois dentro do nosso processo metodológico buscávamos encontrar essas pessoas através da percepção que nos eram transmitidos enquanto corpo, e fluiu. Realizamos também dentro da escola momentos únicos, e que foram fundamentais para a construção principal dos nossos resultados, pois eram questionários que eram respondidos e entrevistas que então foram realizadas dentro

do universo de pessoas que buscávamos encontrar. Buscamos então nos permitir a permanência nesse decorrer de conteúdo a ser seguido.

Diante da metodologia proposta dentro do projeto que tínhamos para pesquisar, percebe-se que o trabalho poderia ser realizado com uma pesquisa mais ampla na biografia, para que assim fosse possível fazer as análises sobre esses processos de identificação de gêneros através da reação dos corpos na sala de aula, após praticarem as aulas de teatro. De antemão foi necessário se limitar dentro da pesquisa por conta de encontrarmos poucos estudantes e professores que se enquadravam dentro da nossa pesquisa, os resultados que conseguimos poderiam ser bem maiores, mas então, como pesquisadora já era possível pensar na construção do meu ser enquanto professora transexual na sala de aula, e tornar-me grande para me adaptar a um espaço onde a coerência não giraria em torno de mim.

No início foi necessário tomar cuidado com o que falávamos enquanto abordagem do conteúdo que tínhamos, pois havia um receio de que poderíamos ser afetados por estudantes que não socializavam com a causa, e que possivelmente nos levaria a comportamentos que não conseguiríamos reagir aos insultos caso existissem, mas o bom é que todas as turmas que passamos não criaram obstáculos, e que os nossos encontros com estudantes que passaram pelas entrevistas e que responderam os questionários foi incrível, podendo assim, nos fazer abrir a mente de forma imensurável.

Através da proposta em campo, colocamos como recomendações a serem seguidas por pessoas que um dia trabalhem dentro desse universo gigantesco, que trabalhar esses conteúdos na sala de aula ou em qualquer outro espaço convencional onde não é um ponto de abordagem do mesmo, pois seria um meio de se buscar respeito para todas as pessoas, não me refiro somente da pessoa transexual, mais visamos o mesmo por ser o princípio, meio e fim do foco que pesquisávamos. Acredito que desenvolver trabalho na sala de aula sobre esse universo deve ser um método de ensino bem legal, torno a repetir uma fala minha que se tem no texto – Não é sobre criar uma disciplina que fale somente sobre esse universo, mas que na educação, na sala de aula, haja sim pontos de ensinamentos estratégicos para falar sobre diversos universos que o mundo, principalmente nossos estudantes merecem ouvir, saber, entender, sentir.

O necessário enquanto iniciativa na sala de aula vem muito do docente, o professor que isso, o professor que aquilo, tem estudantes que buscam se espelhar

muitas das vezes em professores sábios, que buscam ensinar o melhor, inclusive a ter uma gentileza do que é ser ético com a sociedade nesses casos necessários. Então, recomendamos para a vida que professores sejam mais necessários, e se dediquem mais em falar do que se vivi no meio da sociedade.

Nesse mundo que vivemos atualmente, não precisamos apenas de estudantes formados até o 2º grau, precisamos de pessoas que venham viver o mundo sabendo que irão encontrar um universo de coisas, pessoas, objetos e desejos, e que independente do que se vivi devemos manter respeito a todos, pois assim como há espaço para um, haverá espaço sempre para dois, três, ou quatro, seja quanto for. Não precisamos permitir que ainda irá ter jovens crescendo desconhecido do que é a realidade do mundo aqui fora, e tudo isso é muito válido quando temos arte envolvido, pois arte é amor, e sabendo amar o próximo do jeito que é chegaremos a qualquer lugar. Mas respeito, mas inclusão, mas amor na educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Iara Maria de. ESMERALDO, J. D. **Educação de meninas e meninos: Pensando conceitos, repensando práticas**. In NUNES, C. et al. (org.) **Dialogando com os saberes da docência: pesquisas, teorias e práticas**. Recife: Linceu, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Transexualidade e travestilidade na saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BUTLER, J. **Feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do "Sexo"**. São Paulo: n°1 edições, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Edições Graal. S. Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 23 ed. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça. **Professoras travestis e transexuais brasileiras e seu processo de escolarização: Caminhos percorridos e obstáculos enfrentados**. In:



REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd. 36., Anais... Goiânia/GO: Universidade Federal de Goiás, 2015. Disponível em: [http://36reuniao.anped.org.br/pdfs\\_trabalhos\\_aprovados/gt23\\_trabalhos\\_pdfs/gt23\\_3241\\_texto.pdf](http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_3241_texto.pdf). Acesso em: 20 mar. 2020.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. Ed. São Paulo. Atlas, 2019a.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In. LOURO, G. L. **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GUIZZO, Bianca; FELIPE, Jane. **Avanços e retrocessos em políticas públicas contemporâneas relacionadas a gênero e sexualidade: Entrelaces com a educação**. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 37., Anais... Florianópolis/SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/avancos-e-retrocessos-em-politicas-publicas-contemporaneas-relacionadas--genero-e>. Acesso em: 23 mar. 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2ª edição – revista e ampliada. Brasília, 2012.

JUNQUEIRA, Roberto Diniz. **Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar**. In: MISKOLCI, Richard (org.). Discursos fora de ordem: deslocamentos, reinvenções e direitos. São Paulo: Annablume. 2012, p. 277-305.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**, 2 edição. Editora Vozes, Petrópolis – RJ. 1953.

\_\_\_\_\_. **A sociologia do corpo**. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34.

\_\_\_\_\_. **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 07-34.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Diversidade e ações afirmativas: combatendo as desigualdades sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, Isaias B. de; MAIO, Eliane R. **Re/des/construindo in/diferenças: a expulsão compulsiva de estudantes trans do sistema escolar**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, v. 25, n. 45, 2016, p. 159-172. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/viewFile/2292/1598>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SILVA, Anna Camila Lima e et al. **A influência da escolaridade dos pais e da renda familiar no desempenho dos candidatos do Enem**. In: XXXVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 37., Anais... Joinville/SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em [http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN\\_STO\\_243\\_410\\_32201.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STO_243_410_32201.pdf). Acesso em: 19 mar. 2020..

SILVA, Luiza Lana; *et al.* **Reflexões sobre a corporeidade no contexto da educação integral**. EDUCAÇÃO EM REVISTA. BELO HORIZONTE. v. 32. Nº 1, P.185- 209. JANEIRO/ MARÇO DE 2016.

SOUZA, Eustaquia Salvadora, ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Agosto – 1999.

SOUZA, José Antonio Corrêa de. **A política educacional brasileira em interface com a diversidade sexual no período de 2003 a 2014**. 2016. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## APÊNDICE A – TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO

<b>TÍTULO DA PESQUISA:</b> ARTE/TEATRO E A SUBVERSÃO DO GÊNERO: RELAÇÕES ESCOLARES DE COEXISTÊNCIA COM ALUNOS(AS) E PROFESSORES(AS) TRANSGÊNEROS NA REDE PÚBLICA EM MANAUS.
<b>Pesquisadora responsável:</b> Angell Katherinny Pinheiro Leão
<b>Instituição/Departamento:</b> Universidade do Estado do Amazonas
<b>Telefone para contato:</b> (92) 994096530
<b>Local da coleta de dados:</b> Escolas Estaduais da cidade de Manaus

Prezado participante:

Você está sendo convidado a responder às perguntas presentes em um questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder a este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar.

Esse documento terá 2 (duas) vias, sendo uma destinada ao participante da pesquisa e a segunda para o pesquisador.

#### Qual o objetivo do estudo?

O objetivo é realizar com o pesquisando uma entrevista no formato de questionário e entrevista direta gravada, para que assim, possamos ter um bom resultado do que está sendo proposto dentro do projeto.

#### O que acontecerá com você caso você decida participar do estudo?

Após assinar o "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE", você estará autorizando sua participação para conosco pesquisadores, e assim, manteremos em sigilo o processo de entrevista que será realizado com vós. Desta forma, você vai poder participar como entrevistado do processo de respostas do questionário e da entrevista direta que será realizada.

#### Qual a duração desse estudo?

Sua participação consiste em responder ao questionário e participar da entrevista gravada, que levará em torno de 25 a 30 minutos.

#### Sobre risco?

Este estudo não apresenta riscos físicos a você. Porém as perguntas levam você a uma reflexão sobre "Arte/teatro e a subversão do gênero: relações escolares de coexistência com alunos(as) e professores(as) transgêneros na rede pública em Manaus", o que em alguns momentos podem trazer algum desconforto emocional.

#### Eu terei algum benefício ao participar do estudo?

Haverá um benefício indireto, através dos dados coletados, que ajudarão os profissionais do curso de teatro a estudar resultados observados e contribuir

para a implementação de programas que sejam voltados para a escola, de forma que possamos realizar a inclusão social como um todo.

**Suas informações pessoais são divulgadas?**

As informações fornecidas por você serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Os participantes da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

**Posso sair do estudo?**

Se você quiser, você poderá sair do estudo a qualquer momento. Não haverá punição e você poderá continuar seguindo sua vida normalmente, sem qualquer problema.

**Eu terei algum custo ou receberei alguma gratificação?**

Você não terá nenhum custo financeiro envolvido na sua participação neste estudo. Não lhe será também pago nenhuma gratificação por participar dele.

Para esclarecimento de dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo e/ou insatisfeito com a maneira como o estudo está sendo realizado, você pode nos falar normalmente durante a conversação e assim podemos finalizar nossa busca enquanto pesquisadores.

O Comitê de Ética e Pesquisa é um órgão institucional que tem como objetivo proteger o bem-estar dos indivíduos pesquisados, é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando/presando pela dignidade, direitos, segurança e o bem-estar dos sujeitos pesquisados.

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

MANAUS, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Assinatura do pesquisador responsável
---------------------------------------

Assinatura do Participante da pesquisa
--

Rubrica do pesquisador responsável pela obtenção do consentimento: \_\_\_\_\_  
 Rubrica do participante da pesquisa/responsável legal  
 (adequar de acordo com o TCLE): \_\_\_\_\_. Página 3 de 4

## APÊNDICE B - PESQUISA DE CAMPO PARA VERIFICAR A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE O CORPO PRESENTE ENQUANTO GÊNERO, NA EDUCAÇÃO BÁSICA

### PERFIL DO ENTREVISTADO

#### GÊNERO:

MASCULINO                       FEMININO

#### IDADE:

17 à 19 anos.  
 20 à 24 anos  
 25 à 28 anos.  
 29 anos ou mais.

#### ATUAÇÃO COMO DISCENTE NA EDUCAÇÃO:

Ensino Médio Completo/Cursando

Qual série? \_\_\_\_\_

#### ORIENTAÇÃO SEXUAL:

Heterossexual  
 Homossexual  
 Assexual  
 Bissexual  
 Outro: Qual? \_\_\_\_\_

### VISÃO DO ESTREVISTADO

#### 1. Quando você realizar aulas práticas de artes, acredita que a mesma pode ter influências na sua vida?

Sim, pelo simples fato de valer muito a pena.  
 Não, para mim é como se fosse uma aula qualquer.  
 Outro: \_\_\_\_\_

#### 2. Você costuma pesquisar sobre conteúdos que estejam ligados a inclusão social de gêneros ou identidade de gêneros?

Sim, gosto muito.                       Não me interessa esses assuntos.

#### 3. Qual sua principal fonte de pesquisa?

Livros de bibliotecas.  
 Internet. Através de aparelhos eletrônicos.  
 Jornais e anúncios.  
 Outros: \_\_\_\_\_

4. Você tem contato na escola com pessoas que se encaixam nesse meio social LGBTQIAP+?

Sim( )

Não( )

5. Você já ouviu na escola assuntos que estão relacionados a questão de gênero?

Sim( )

Não( )

6. Já presenciou na escola ou em algum espaço público, algum ato de discriminação em relação a questão de gênero?

Sim( )

Não( )

Relato:

7. Como se comporta diante de situações de discriminação com gêneros diversos?

( ) Não tenho reação para estes atos.

( ) Acabo defendendo as pessoas.

( ) Não ligo, não é comigo mesmo.

8. Na sua escola tem pessoas que você identifica com algum tipo de identidade de gênero?

Sim( )

Não( )

Qual? \_\_\_\_\_

9. Já teve em algum momento um(a) professor(a), de alguma disciplina que você identificou que tinha sua identidade de gênero?

Sim( )

Não( )

Qual? \_\_\_\_\_

10. Você acredita que podemos mudar esse quadro de preconceito com as pessoas de que se identificam a gêneros, através da educação na escola?

Sim( )

Não( )

Justifique:

11. Você acha que a aula de teatro, que trabalhamos com o corpo o jogo sensorial, possa despertar no corpo algo que te coloque nesse lugar de identificação de quem seja você de fato?

Sim( )

Não( )

Desde já, obrigada por participar desta pesquisa. Irá de forma única, contribuir muito para o desenvolvimento final de nosso trabalho.

Att. Angell Leão